

RESENHA DE TRADUÇÃO: OVÍDIO. *CARTAS PÔNTICAS*



MARCUS VINICIUS BENITES

OVÍDIO. *Cartas Pônticas*. Tradução, introdução e notas de Geraldo José Albino. Revisão da tradução de Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

As *Pônticas* de Ovídio prenunciam, logo de saída, difícil empreitada de tradução. O título latino da obra – *Epistulae ex Ponto* – já foi traduzido por *Pônticas* (talvez sob influência francesa cf. *Pontiques*), mas também por *Epístolas Pônticas*, por *Epístolas do Ponto* e, no trabalho de Geraldo José Albino que ora se resenha, por *Cartas Pônticas*. Diferentemente de outras obras, como as *Metamorfoses*, do próprio Ovídio, cuja tradução do título é sempre a mesma, essas cartas do exílio apresentam ao tradutor, em seu título, possibilidades múltiplas de tradução, o que também se verifica, posteriormente, na obra como um todo. Compostas por 47 elegias constituídas por 1637 dísticos, as epístolas de Ovídio geram aos destinatários indiretos que se debruçam sobre o texto latino com finalidades tradutórias o impasse de se lidar com um texto de partida que, por um lado, mescla a poesia, com seus recursos expressivos imanentes, sua versificação e métrica e, por outro lado, o discurso epistolar, os quais na literatura contemporânea costumam se apresentar como tipos textuais bastante diferentes. Logo, tem-se de pronto que se optar por tratar o texto como poesia, como carta ou, em proposta mais audaciosa, como carta e poesia, o que provavelmente foi para os latinos quando de sua recepção. Geraldo José Albino escolhe apresentá-lo, aos leitores hodiernos, na forma prosaica atual da carta.

O problema do caminho trilhado pelo tradutor reside no fato de que é, no mínimo, desperdício excluir de uma tradução de Ovídio os recursos expressivos de sua poesia, geradores de farta polissemia e conotação. O sulmonense foi, incontestavelmente, um grande poeta, sobretudo no hábil manejo paradigmático e sintagmático da língua latina, de modo a criar possibilidades de efeitos de sentido através, principalmente, de recorrências fonéticas, ou mesmo, fono-sintáticas. Desse modo, o tom e a suposta função prática das epístolas, embora devam ser levados em conta em uma leitura, são mais veículo de transmissão de uma poeticidade bastante singular que fator principal da obra em questão, não devendo ter, hierarquicamente, o papel mais relevante em uma leitura e análise, que se espera sejam feitas em um trabalho de tradução. Entre a carta e a elegia, privilegiou-se, no texto de chegada, a temática

desta e a forma daquela, em detrimento de recursos poéticos tão caros à poesia ovidiana. Assim, embora a leitura do texto traduzido flua como narrativa bem escrita, em que a história do literário desterro ovidiano é contada, em pormenores, a cada epístola em que ele suplica auxílio a conhecidos influentes para atuarem de modo a que sua punição seja atenuada, com principal atenção aos percalços atuais do poeta, que padece nas terras do exílio, em Tomos – os problemas da viagem de Roma até a região inóspita do Ponto Euxino são narrados principalmente em outra obra, nas *Tristia* – é de se perguntar se, apesar de se dar a conhecer tão bem o *personagem* Ovídio, uma vez que a história do desterro e dos sofrimentos pelos quais supostamente ele teria passado é contada, realmente se chegue ao *poeta* Ovídio, mais distante, na tradução, que o próprio eu-lírico sofrendo na longínqua Tomos. Desta forma, dois mil anos após a sua escrita, a tradução das *Cartas Pônticas* relegam o sulmonense novamente ao exílio, desta vez poético.

Pelo relato denotado contido nas cartas traduzidas, que apresenta uma história de agradável leitura, é dado a conhecer o pretense Ovídio histórico, com bastante cuidado em explicá-lo em notas que também trazem referências a pessoas da época. No entanto, uma vez literárias, tais pessoas deveriam ser tratadas como personagens, sendo conveniente preservar a desconfiada da historicidade do exílio ovidiano, tal como apresentado na introdução do volume. O exílio do poeta concebido como fato histórico tem sido, inclusive, alvo de questionamentos da crítica contemporânea, o que é ignorado no trabalho de Albino¹.

O cuidado que se verifica nas notas e na introdução, entretanto, cuja intenção é definir com bastante precisão a historicidade dos personagens envolvidos no texto poético, não se verifica quanto a uma análise poética mais acurada, que se não se reflete no texto traduzido, tampouco em qualquer comentário periférico. Assim, como o texto tomado por base para o trabalho tradutório, a edição *Les Belles Lettres*, estabelecida por Jacques André em 1977, o texto de Geraldo José Albino apresenta uma tradução em prosa que não leva em conta o *poético* do texto de partida, mas que perde para a edição francesa por não ser publicado em uma edição bilíngue que pudesse dar ao leitor mais versado em latim, ao menos, a possibilidade de verificar, no texto de partida, a grandiosidade expressiva e conotativa das epístolas. Como exemplo dessa perda, pode-se tomar o verso 103 da segunda epístola do Livro I – *A Fábio Máximo: Non petito ut bene sit, sed uti male tutius utque*. Uma leitura minimamente atenta encontraria, no verso, uma aliteração em [t], o que não pode ser ignorado na busca por sentido em um texto poético. Na tradução, todavia, Albino optou por ignorar tal recorrência fonética: *Não lhe peças que em meu desterro eu esteja bem mas que esteja mal, [porém mais seguro e distante do bárbaro inimigo]* (p. 11). Se denotativamente se tem um pedido sendo feito, representado sinodoquicamente, no verso, pelo termo *petito*, o qual apresenta o

¹ “Durante muito tempo [...] a investigação filológica tendeu a ler os poemas dos autores clássicos como documentos fiéis que plasmavam a vida dos poetas. Por alguma razão, foi muito custoso desligar-se dessa visão redutora que exagerava a sinceridade dos autores e tendia a detectar em cada passagem uma alusão autobiográfica.” MORA, Miguel de Carlos. O Mistério do Exílio Ovidiano. In: *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 4, Universidade de Aveiro, p.104, 2002.

[t] duas vezes, podendo o fone, pelo mesmo princípio metonímico, representar o conceito, pode-se pensar o [t] como uma espécie de ícone do pedido feito. A repetição fonética, deste modo, nada mais seria que um *ecoar* do pedido ao longo de todo o verso-súplica, reforçando-o conotativamente. O sentido é ampliado quando se verifica a ocorrência do termo *tu* no verso 101, o vocativo que inicia o pedido através do uso da *função conativa* jakobsoniana, o que reforça a carga de convencimento, sendo que o termo reaparece, paranomasticamente, no verso 103, em *ut*, em *uti* e, de forma integral e duas vezes em *tutius*. O texto traduzido não apresenta uma equivalência a tais recursos expressivos, o que, no entanto, não poderia ser exigido do tradutor, ao menos não a todo e qualquer recurso poético do texto ovidiano. No entanto, uma vez que se dedicou tanta atenção às notas e comentários referentes ao contexto histórico, talvez se pudesse considerar que, mais úteis à leitura da poesia de Ovídio fossem algumas referências ao teor poético de seu texto. Embora seja válida a determinados fins a tradução prosaica, é necessário se ter em conta que a empreitada de se traduzir poesia de forma denotada, ignorando-se exatamente o poético do texto de partida, ou seja, sua própria essência, é uma tarefa de tradução incompleta, pois não contempla sequer aproximadamente a expressividade e as significações possíveis dela decorrentes.

Na contracapa do livro, o tradutor, fiando-se cegamente no exílio ovidiano como fato – seria tão verossímil assim alguém sofrer verdadeiramente de modo tão poético, tão conotado, com tanta atenção à expressão? – trata sua obra como *atual*, uma vez que traz argumentação sobre temas contemporâneos: *a amizade, a filantropia, a solidariedade, a fidelidade, o direito de expressão, a imortalidade da arte* e as *epístolas harmonizam-se com os tempos modernos*, afinal as *mensagens se voltam às pessoas que, como o autor, se afligem com o isolamento, com a angústia e a depressão*. Fora o questionável diagnóstico médico – a partir da poesia do *paciente* – há de se condenar o didatismo atribuído ao texto ovidiano. Pelo mesmo princípio de pensamento, poder-se-ia argumentar utilidade maior à *Eneida*, por exemplo, para soldados que estejam em combate que propriamente para estudiosos de literatura.

José Geraldo Albino faz uma opção. Na tarefa de narrar, de forma agradável e fluida, a vida do personagem Ovídio em seu exílio em Tomos, tentando, através de cartas a conhecidos, reverter a penalidade imposta presumivelmente por Augusto, ao mesmo tempo em que relata seus sofrimentos de desterrado, o tradutor é coerente e eficaz, também porque fornece, ao leitor, muitas notas que buscam esclarecer e embasar a possível historicidade dos fatos contados pelo eu-lírico. Todavia, a atenção dada à forma epistolar moderna para o texto de chegada, em tradução que reproduz o estilo de cartas atuais, se por um lado traz fluidez à leitura, por outro deixa de refletir, por apresentar-se em estrutura distinta à dos latinos, sobre o papel de Ovídio no momento em que o poeta mistura a epístola e a elegia, fundindo formas discursivas precisamente em certo instante transitório da literatura latina, em que o já *maneirista* Ovídio – dentro de uma possibilidade de interpretação – tem, antes de si, o classicismo mais puro de Virgílio e Horácio e teria, após si, uma literatura mais decadente, que pode ser representada, por exemplo, por Petrônio e Lucano. O poeta de Sulmona não foi o primeiro, obviamente, a mesclar a epístola e a elegia – ele próprio já havia expressado com o mais alto grau de poeticidade as cartas de

suas heroínas míticas em obra anterior, as *Heroides* –, mas inova ao fazê-lo em seu singular estilo expressivo.

A escolha de Ovídio, que produz um texto que é epístola/carta, mas que também é elegia – o próprio tradutor, na introdução, considera a obra como *o ponto alto do gênero* –, usando uma composição plena de recursos expressivos e preenche de possível conotação, para reforçar aquilo que as cartas expressam denotativamente, constitui seguramente uma representação ímpar de como o poeta contribuiu para definir a literatura latina da época – início do primeiro século da era cristã – diferenciando-a já um pouco da literatura anterior. Além disso marca, de certo modo, um diferente estilo e prenuncia mudanças que se cumpriram em uma literatura posterior. Tal possibilidade de abordagem, no entanto, é negligenciada na tradução de Albino, que se é útil a um primeiro contato dos leitores iniciantes com o personagem que Ovídio criou para si, ainda está muito distante do *poeta* Ovídio, figura, essa sim, a quem conviria conhecer através da leitura dos textos latinos ou de traduções que possam, ao menos, dar um vislumbre de sua poesia.

Marcus Vinicius Benites
marcusbenites@gmail.com
Universidade Estadual de São Paulo (Araraquara)